
REFLETINDO SOBRE CRITÉRIOS DE QUALIDADE DA PESQUISA QUALITATIVA

Arilda Schmidt Godoy
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Sumário: 1. Introdução; 2. Estabelecendo critérios próprios; 3. Estabelecendo uma agenda mínima;
4. Considerações finais.

RESUMO

É importante estabelecer e definir critérios que permitam a avaliação da qualidade da pesquisa científica. Embora exista na literatura metodológica uma preocupação em se discutir quais padrões devem ser adotados para garantir rigor nas investigações científicas realizadas a partir de uma metodologia quantitativa, nota-se uma falta de consenso quando se trata da pesquisa qualitativa. Neste artigo pretende-se identificar e analisar os critérios propostos pelos textos especializados em pesquisa qualitativa e que são sugeridos para a avaliação da qualidade dos estudos elaborados segundo o paradigma interpretativo. Busca-se discutir esta questão no âmbito dos estudos qualitativos "básicos ou genéricos" (Merriam, 1998; 2002) e propõe-se um conjunto mínimo de critérios que auxiliem os pesquisadores a refletir sobre a qualidade deste tipo de investigação. São estabelecidos alguns pontos fundamentais a serem observados: explicitação cuidadosa da metodologia, congruência entre as diferentes etapas do estudo, validade interna, possibilidade de transferência dos resultados e qualidade do registro dos dados.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa, validade em metodologia de pesquisa, confiabilidade da pesquisa, qualidade da pesquisa.

ABSTRACT

It is important establish and define criteria that allow the evaluation of scientific research quality. Although in the methodological literature there is a concern about which patterns should be adopted to guarantee rigor in the scientific investigations using quantitative methodology, it is noticed a lack of consensus on qualitative research. This article intends to identify and to analyze the criteria proposed by the specialized texts to qualitative research and that are suggested for the evaluation of the quality of studies following interpretive paradigm. The aim is to discuss this subject according to the "basic or generic" (Merriam, 1998; 2002) qualitative research approach. Besides it intends to develop a minimum group of criteria that would help researchers to reflect on the quality of this investigation type. Some fundamental points are established : careful explanation of the methodology, consistency between the different stages of the study, its internal validity, the possibility of transferability of findings and quality of data registration.

Key-words: *qualitative research, validity in research methodology, reliability of research, quality of research..*

1. INTRODUÇÃO

É importante estabelecer e definir critérios por meio dos quais a qualidade da investigação científica possa ser examinada. A identificação de tais critérios pode ser útil tanto na avaliação de projetos de pesquisa quanto na apreciação do relatório final de estudos que receberam fomento e dos que foram realizados como dissertações de mestrado, teses de doutorado ou até mesmo organizados no formato de artigos submetidos aos periódicos especializados. Além disso, ter claro parâmetros de qualidade auxilia o processo de auto-avaliação efetuado pelos pesquisadores durante a execução da investigação e as avaliações externas realizadas por outros especialistas para determinar o mérito de um estudo.

Embora exista na literatura sobre metodologia uma preocupação em se discutir e estabelecer, com clareza, quais critérios são adequados para se avaliarem as pesquisas científicas, nota-se uma falta de consenso quando se trata da pesquisa comumente denominada qualitativa.

Esta falta de consenso, de certa forma, está associada à diversidade de abordagens presentes no que se convencionou chamar de pesquisa qualitativa ou naturalística (termo empregado por Lincoln e Guba, 1985), muitas delas com regras e exigências próprias. Mesmo reconhecendo que a árvore das metodologias qualitativas é frondosa e composta de muitas vertentes, conforme representação encontrada em Miles e Huberman (1994), a preocupação deste artigo está centrada nos estudos qualitativos rotulados como "básicos ou genéricos" que, segundo Merriam (1998; 2002), são aqueles que contêm as características essenciais da metodologia qualitativa, mas que não possuem todos os requisitos que possibilitariam o seu enquadramento como um estudo de caso, estudo etnográfico, etnometodologia, grounded theory, ou qualquer outra modalidade específica.

Para Merriam (2002) quatro características-chave devem estar presentes nos estudos qualitativos básicos. Neles o pesquisador está interessado em compreender quais os significados que os participantes atribuem ao fenômeno ou situação que está sendo estudada. Busca-se compreender os significados que as pessoas

constroem sobre seu mundo e as experiências nele vividas, tendo o pesquisador como principal instrumento de coleta e análise de dados. Para coletar os dados são feitas entrevistas, realizadas observações ou analisados documentos. O processo de condução da pesquisa é essencialmente indutivo, isto é, o pesquisador coleta e organiza os dados com o objetivo de construir conceitos, pressuposições ou teorias, ao invés de, dedutivamente, derivar hipóteses a serem testadas. A análise indutiva dos dados leva a identificação de padrões recorrentes, temas comuns e categorias. O resultado da pesquisa é expresso por meio de um relato descritivo – detalhado e rico – a respeito do que o pesquisador aprendeu sobre o fenômeno. Tais resultados são apresentados e discutidos usando-se as referências da literatura especializada a partir das quais o estudo se estruturou.

Ainda de acordo com Merriam (2002, p. 6) o estudo qualitativo básico tem como objetivo “descobrir e compreender um fenômeno, um processo, ou as perspectivas e visão de mundo das pessoas nele envolvidas”. Este tipo de estudo, segundo Caelli, Ray e Mill (2003), está centrado na compreensão de uma experiência ou de um evento e nem sempre explícita e guia-se por um arcabouço particular de pressupostos epistemológicos e ontológicos como aqueles característicos das tradições pós-positivista, crítica, construcionista ou participativa (conforme explicitado em Lincoln e Guba, 2000).

A razão fundamental para centrar a discussão nos estudos qualitativos básicos ou genéricos é que eles têm se tornado bastante comuns e freqüentemente são apresentados e discutidos em eventos científicos, embora às vezes nomeados com títulos mais pomposos e inadequados ao tipo de investigação realmente desenvolvido pelo pesquisador. Normalmente adota-se esta possibilidade em pesquisas exploratórias e estudos-piloto organizados com o objetivo de examinar se um tema é promissor ou não e se a metodologia qualitativa mostra-se relevante e adequada para responder à questão da pesquisa proposta.

Uma vez que esta modalidade de pesquisa tem se tornado comum em muitas áreas do conhecimento e campos aplicados, inclusive em Administração, como se pode verificar examinando os anais dos EnANPADs, é importante pensar qual padrão de rigor e qualidade deveria dela ser exigido. Supõe-se ainda que, estabelecido um conjunto de critérios ou regras mínimas, ele poderá se constituir num tronco comum a partir do qual, dependendo da especificidade de uma abordagem de pesquisa qualitativa em

particular, outras exigências poderão ser pensadas e acrescidas.

O debate sobre critérios para se avaliarem os estudos qualitativos parece ser recente, surgindo nos anos setenta e se intensificando nos anos oitenta e noventa à medida que vários autores foram se posicionando sobre o assunto. Deste debate é possível identificar, conforme sugerido por Bryman (2004), algumas posições. Numa posição extrema estão os que argumentam que não é possível se estabelecerem padrões para avaliação dos estudos qualitativos. Além desta posição de total rejeição quanto à possibilidade e relevância em se identificarem critérios para a pesquisa qualitativa, encontram-se aqueles que procuram estabelecer tais padrões associando-os às tradicionais noções de validade e confiabilidade, utilizadas nas pesquisas quantitativas, e que estão aqui representados por Goetz e LeCompte (1988). Outros, como Lincoln e Guba (1985), defendem a idéia de se substituírem os termos validade e confiabilidade por outros mais específicos e adequados à pesquisa qualitativa, uma vez que ela parte de um paradigma interpretativo que representa uma determinada forma de entender o mundo e fazer ciência. A partir da apresentação de propostas representativas destes dois grupos, julga-se que é possível estabelecer alguns padrões mínimos por meio dos quais pode-se distinguir entre boa pesquisa qualitativa e aquelas que carecem de qualidade.

Constituem-se, portanto, objetivos deste artigo:

- apresentar e analisar os critérios divulgados por autores representativos destas duas posições;
- propor uma agenda mínima de critérios que possa orientar a discussão a respeito da qualidade esperada dos estudos qualitativos básicos ou genéricos.

1. Adaptando os critérios encontrados na tradição quantitativa

Ao iniciar sua apresentação sobre as questões de confiabilidade e validade, Goetz e LeCompte (1988) esclarecem que embora, para fins de exposição, elas sejam apresentadas separadamente, estão intrinsecamente entrelaçadas, e o que ameaça uma pode também pôr em perigo a outra.

Tomando como referência o sentido original dos termos os autores esclarecem que a confiabilidade se relaciona à replicabilidade das descobertas científicas, enquanto a validade refere-se à sua exatidão.

Concordam que a confiabilidade parece difícil de ser cumprida nas pesquisas qualitativas considerando-se que uma grande parte dos estudos desta natureza são

calcados na investigação de fenômenos sociais únicos, no ambiente natural em que ocorrem. Assim, como situações sociais únicas não podem ser reconstituídas com precisão, também a duplicação exata de um método e de um conjunto de procedimentos de investigação pode não produzir resultados idênticos. Sendo a pesquisa qualitativa multimétodo por excelência é difícil imaginar-se uma replicação dos passos metodológicos seguidos pelo investigador.

Nesse sentido, embora se reconheça que não existem estudos com uma confiabilidade externa perfeita, os desafios para os pesquisadores que optam pelas metodologias qualitativas são maiores do que aqueles enfrentados pelos que escolhem métodos quantitativos.

A confiabilidade externa diz respeito à possibilidade do investigador descobrir os mesmos fenômenos ou elaborar idênticos construtos a partir de um cenário social análogo ou similar. Para aumentar as condições de replicabilidade de um estudo os autores fazem algumas recomendações. Uma vez que nos estudos qualitativos a coleta de dados normalmente se dá em situações de interação social, é importante ter claro os papéis desempenhados e o status do pesquisador no grupo estudado. Também a seleção dos informantes deve ser feita a partir de critérios claramente estabelecidos, cuidando-se que haja uma caracterização detalhada deles. Acresce-se a isto a descrição cuidadosa dos contextos físicos, sociais e interpessoais onde o estudo ocorreu e do tipo de pesquisa qualitativa adotado. Embora alguns pesquisadores pareçam supor que as estratégias de coleta de dados e formatos de análise sejam evidentes para o leitor e não requeiram explicações adicionais, um estudo de qualidade deve se preocupar em detalhar tais procedimentos.

No que se refere à confiabilidade interna busca-se garantir que haja coincidência na conduta dos pesquisadores que atuam no mesmo estudo ou que estão trabalhando em equipe, examinando a mesma questão em cenários diferentes. Para isto é fundamental cuidar da qualidade dos dados primários (transcrições literais das entrevistas, descrições feitas por meio das notas de campo, registros de observações e uso de fontes documentais), os quais devem ser minuciosamente apresentados com o objetivo de fornecer as evidências que permitirão aos avaliadores e demais leitores aceitar, negar ou modificar as conclusões alcançadas. A coleta de dados com o uso de gravadores, de vídeo e com fotos, embora propiciem um registro mais acurado dos dados, deve ser planejada de forma que distintos pesquisadores sigam os mesmos procedimentos para captar os eventos que

realmente interessam. A presença de mais de um pesquisador no campo, a obtenção da ajuda dos participantes - para confirmar as informações e os dados observados e registrados - e a corroboração dos resultados por outros investigadores também são procedimentos sugeridos para aumentar a confiabilidade interna.

No que se refere à validade duas questões devem ser feitas:

- Os pesquisadores observam ou medem realmente o que acreditam estar observando ou medindo?
- Em que medida os conceitos e postulados gerados, aperfeiçoados ou comprovados são aplicáveis a mais de um grupo?

A primeira diz respeito à validade interna, que é garantida pela convivência do pesquisador com os participantes. A permanência do pesquisador no campo e o uso de diferentes estratégias no processo de coleta de dados, especialmente as entrevistas em profundidade e a observação participante, oferecem a oportunidade de realizar análises e comparações contínuas dos dados visando ao aperfeiçoamento dos conceitos elaborados e à garantia de ajuste entre as categorias científicas e a realidade dos participantes. É importante detectar se as categorias conceituais criadas possuem os mesmos significados para os participantes e para o pesquisador. Para Goetz e LeCompte (1988), embora no estudo de campo os significados atribuídos pelos participantes sejam fundamentais, é possível que o pesquisador queira ampliar tais explicações articulando sua própria interpretação, que pode chegar até a estabelecer a covariação de fenômenos em ambientes naturais.

Para estes autores, na maioria dos estudos qualitativos, assim como em muitas investigações quantitativas, as condições necessárias para a generalização estatística podem ser difíceis de satisfazer. Assim, as ameaças à validade externa estão relacionadas aos fatores que impedem ou reduzem a comparabilidade dos resultados. É possível dizer que a validade externa depende da definição e descrição dos componentes do estudo (unidades de análise, conceitos gerados, características da população, cenários) que permitam aos investigadores comparar seus resultados com os de outros estudos semelhantes. Também se refere ao grau em que os marcos teóricos, definições e técnicas de investigação são compreensíveis para outros investigadores. Outra possibilidade pode ser o uso de casos múltiplos ou o estudo do fenômeno em vários cenários, com comparações intergrupais.

2. ESTABELECENDO CRITÉRIOS PRÓPRIOS

Ao buscar por um conjunto de critérios próprios aplicáveis aos estudos qualitativos, Lincoln e Guba (1985) sugerem o uso do termo *trustworthiness* para fazer referência às ações que visam garantir que os resultados conseguidos pelo pesquisador são íntegros, probos, merecem atenção e devem ser levados em consideração. Para substituir as expressões convencionais, encontradas sobretudo nos estudos quantitativos, os autores sugerem credibilidade (para substituir a noção de validade interna), transferibilidade ou passível de transferência (para substituir a noção de validade externa), confiança (em substituição à noção de fidedignidade) e confirmabilidade (no lugar de objetividade).

O critério de credibilidade encerra a idéia de que a pesquisa deve ser executada segundo os princípios e orientações próprias das metodologias qualitativas de forma que seus resultados sejam dignos de confiança e aprovados pelos próprios construtores da realidade social que está sendo estudada, ou seja, seus participantes. Várias estratégias são sugeridas visando à obtenção de resultados que tenham credibilidade. Destacam-se a permanência e engajamento do pesquisador no campo, o uso de técnicas de triangulação, o questionamento dos pares, a análise de casos negativos e checagem pelos participantes.

O tempo de permanência no campo, principalmente nos estudos de tipo etnográfico, deve ser suficientemente longo para que o pesquisador possa aprender sobre a cultura do grupo que está sendo estudado. Considera-se que não é possível compreender qualquer fenômeno sem referência ao contexto onde ele está inserido. A permanência no campo permite ao pesquisador detectar e corrigir interpretações falsas ou enviesadas por ele elaboradas e identificar distorções (intencionais ou não) nas informações apresentadas pelos próprios sujeitos. Além disso, a permanência no campo permite que o pesquisador crie uma relação de confiança com os participantes da pesquisa mostrando a eles que os fenômenos observados e as respostas obtidas nas entrevistas são sigilosas e que terão uma utilização estritamente acadêmica.

De uma forma ampla, Denzin (1977) define triangulação como a aplicação e combinação de várias metodologias de pesquisa no estudo do mesmo fenômeno. Para ele é possível identificar quatro tipos básicos de triangulação envolvendo o uso de

múltiplas e variadas fontes de dados, pesquisadores, teorias e metodologias.

No entanto, para Lincoln e Guba (1985) as duas formas mais relevantes para aumentar a credibilidade de uma investigação são a combinação de várias fontes de dados que podem ser coletados em situações variadas ou em momentos diferentes e a triangulação denominada metodológica, que pode assumir duas formas: "no interior" do método e "entre" métodos. A triangulação feita "no interior" do método envolve a replicação do estudo com o objetivo de verificar a sua confiabilidade e confirmação dos resultados. Assim, dados obtidos em entrevistas podem ser complementados e checados por técnicas de observação ou pelo exame de documentos. A outra forma de triangulação sugere o emprego de duas ou mais metodologias no estudo da mesma unidade empírica. Supõe-se que as imperfeições de um método possam ser supridas pelas forças de outro e que a combinação entre eles leve o pesquisador à obtenção de resultados mais robustos. Aqui encontramos autores como Bryman (2001), que advogam o uso combinado de dados coletados por métodos qualitativos e quantitativos num mesmo estudo, embora esta idéia não seja compartilhada por Lincoln e Guba (1985).

A triangulação de pesquisadores refere-se ao emprego de mais de um investigador durante o estudo, reforçando a idéia da possibilidade de se trabalhar em times. Pode-se, por exemplo, recorrer a dois investigadores durante a realização de entrevistas e durante o processo de análise dos dados. Este tipo de triangulação é importante quando se pensa em termos de validade. Se mesmo recorrendo a pesquisadores que possuem diferentes perspectivas em relação ao tema que está sendo estudado chegar-se a resultados pouco divergentes, é possível sentir-se mais confiante em relação a este produto,, enquanto resultados muito diferentes poderão exigir investigações adicionais.

Uma quarta possibilidade, bem mais difícil de ser concretizada, é a triangulação teórica. Pesquisadores frequentemente assumem, de forma rígida, determinadas abordagens teóricas em detrimento de outras. No entanto, seria importante colocar, lado a lado, vários modelos explicativos ou teorias rivais para serem testadas.

O questionamento dos pares envolve a realização de sessões destinadas a explorar e cotejar aspectos da investigação que não estão claros e poderiam permanecer implícitos na mente do pesquisador. Tais sessões constituem-se em oportunidades

para identificar vieses, explorar os significados atribuídos pelo pesquisador e os esquemas interpretativos que estão sendo construídos. Também possibilitam uma avaliação dos passos metodológicos por meio dos quais a pesquisa vem sendo desenvolvida. Tal procedimento tem-se constituído numa prática bastante usual entre pesquisadores de uma mesma área.

Considerando que várias técnicas de análise de dados qualitativos buscam pela identificação de padrões e tendências, vale a pena estar atento para os casos que se afastam dos resultados mais consistentes, pois eles tanto podem-se constituir em exceções, como alertar para a necessidade de ampliação da coleta ou indicar novas possibilidades de interpretação dos resultados.

A checagem dos dados coletados, das categorias analíticas encontradas e das interpretações dos resultados pelos participantes do estudo constitui-se numa estratégia que deve estar presente em várias etapas do trabalho, por meio de abordagens formais e informais. Por exemplo, fornecer ao participante a transcrição de sua entrevista para que ele possa confirmar suas informações ou voltar ao informante para esclarecer pontos obscuros tem sido prática comum entre os pesquisadores. A discussão dos resultados, assim como de outros aspectos considerados relevantes pelo pesquisador, com um grupo de participantes ou organização, pode ser importante para ele avaliar a precisão e relevância dos seus achados. Um investigador que tenha recebido um aval positivo de um grupo de entrevistados sobre a credibilidade do seu trabalho está mais preparado para convencer leitores e críticos acerca da autenticidade de sua investigação.

Para Lincoln e Guba (1985) a questão da possibilidade de transferência dos resultados desloca-se do pesquisador original, que desenvolveu o estudo, para aqueles que procuram aplicar e/ou transferir tais evidências para outros contextos. Neste sentido, a transferibilidade, conforme tradução apresentada por Alves-Mazzotti (2002), não depende da representatividade da amostra, nem se apóia em níveis de confiança estatísticos. Trabalhando normalmente com casos ou grupos de sujeitos previamente escolhidos, os resultados conseguidos e suas interpretações dizem respeito a um determinado contexto e a um dado momento histórico em que o fenômeno ocorreu. A possibilidade de generalização não deve então ser compreendida nos termos convencionais, dentro do escopo das metodologias quantitativas. Recomenda-se que o pesquisador qualitativo realize uma descrição

densa (no sentido atribuído por Geertz, 1989) do fenômeno estudado, que permita a um possível leitor ou consumidor julgar sobre a possibilidade de transferência dos resultados encontrados para outros contextos. Este conceito recebeu a denominação de generalização naturalística.

Lincoln e Guba (1985) propõem também a idéia de que para se ter confiança em relação ao processo desenvolvido e ao produto alcançado deveria ser realizado um processo de auditoria que garantisse que boas práticas de pesquisa foram adotadas. Isto implica em assegurar que foram feitos registros sobre todas as etapas do processo de pesquisa: formulação do problema, seleção dos participantes, notas de campo, transcrições de entrevistas, decisões sobre procedimentos analíticos. Recomenda-se ainda que o processo de auditoria ocorra durante a realização da pesquisa e certamente ao final dela. O processo de auditoria também atenderia ao critério de confirmabilidade (tradução apresentada por Alves-Mazzotti, 2002), que envolve a qualidade dos resultados examinando-se se eles decorrem dos dados coletados, se as inferências obtidas não são espúrias, se as categorias de análise são apropriadas e se há clareza no modelo teórico desenvolvido.

3. ESTABELECENDO UMA AGENDA MÍNIMA

Ao defender a idéia de que toda pesquisa deve atender a determinados cânones de qualidade, Marshall e Rossman (1999) propõem um conjunto de critérios destinados a garantir a solidez de uma investigação qualitativa. Partindo das propostas de Lincoln e Guba (1985) os autores estabelecem quatro pontos que devem ser observados ao se analisar a qualidade de um estudo elaborado segundo a abordagem qualitativa. Escolheram-se então estes quatro pontos como orientadores de uma proposta mínima de aspectos a serem levados em consideração quando se procura desenvolver um estudo qualitativo básico ou genérico orientado por padrões de rigor e qualidade. Recorre-se ainda a outros autores para esclarecer, dar suporte e complementar aspectos tratados em cada um destes pontos.

3.1. A METODOLOGIA E O DELINEAMENTO DO ESTUDO SÃO DETALHADOS

De acordo com Denzin (1977) a metodologia representa o caminho seguido pelo pesquisador para compreender seu objeto de estudo. A metodologia – quantitativa e/ou qualitativa – abarca vários

tipos ou gêneros de pesquisa que levam à exploração de diferentes aspectos da realidade.

Assim, a qualidade de um estudo de campo implica que o investigador exponha, em detalhes, a metodologia e o delineamento da pesquisa de forma que um avaliador, ou simplesmente um leitor desse estudo, possam apreciar e julgar se a pesquisa é adequada e faz sentido. Isto inclui apresentar e discutir os pressupostos orientadores do paradigma qualitativo e do tipo específico de metodologia utilizado. É importante identificar se o autor justifica suas escolhas e se elas são coerentes e apropriadas ao objetivo do estudo.

Também devem estar claros como se deu a entrada do pesquisador no campo, os papéis por ele desempenhados durante suas interações com os participantes, o atendimento às questões éticas e a saída do local. O processo de escolha e uma descrição do contexto onde o estudo foi realizado e de seus participantes também são relevantes, especialmente quando se pensa na possibilidade de transferência dos resultados e conclusões para outras situações e grupos de participantes. Os procedimentos adotados na coleta e análise dos dados também deverão ser detalhados buscando-se detectar se eles são adequados e suficientes para responder às questões estabelecidas pelo estudo.

Este detalhamento dos passos seguidos pelo pesquisador durante a realização de seu trabalho impõe uma atitude de auto-reflexão que lhe permita adquirir consciência de suas qualidades e dificuldades, revelando e discutindo possíveis vieses e subjetividades. Considera-se que uma das qualidades do pesquisador qualitativo é a tolerância em relação à ambigüidade, presente quando ele busca por explicações alternativas, checa os casos negativos e usa uma variedade de métodos para assegurar que seus resultados sejam robustos e fundamentados nos dados.

Ainda para garantir a qualidade é importante a existência de um estudo-piloto ou de contatos preliminares com o campo que permitam ao investigador certificar-se de que suas questões de pesquisa fazem sentido na realidade social e não se constituem num problema artificial.

3.2. A RELEVÂNCIA DAS QUESTÕES DE PESQUISA E DOS DADOS É APRESENTADA

As questões de pesquisa orientadoras de um estudo qualitativo devem ser estabelecidas claramente. Deve haver

congruência entre elas e os componentes da metodologia adotada, e explicitada a sua relevância em relação a estudos anteriores

Os dados brutos e as evidências apresentadas devem ser abundantes de forma a demonstrar a conexão entre os dados descritivos e as interpretações do pesquisador geradas a partir deles. De acordo com Silverman (2000) é difícil sustentar a idéia de que um estudo é válido quando: apenas uns poucos exemplos ilustrativos dos dados são relatados, os critérios para incluir tais exemplos e não outros não são explicitados, e os dados e informações originais não se encontram disponíveis para checagem e verificação.

Dada a abundância de dados gerados em uma pesquisa qualitativa é importante utilizarem-se recursos visuais (como gráficos, modelos, quadros e figuras) que permitam organizá-los e sumariá-los, tornando-os mais acessíveis aos pesquisadores e futuros leitores. Tais recursos podem desempenhar duas funções: constituírem-se em ferramenta auxiliar durante o processo de análise dos dados, como os memorandos (registros escritos) e diagramas (representações visuais) propostos por Strauss e Corbin (1998), ou serem utilizados para resumir, resumir e apresentar os resultados.

Para uma pesquisa ser internamente válida suas conclusões devem estar apoiadas nos dados. Nesse sentido, a validade interna é julgada considerando-se até que ponto a descrição e interpretação oferecidas pelo pesquisador estão de acordo, ou seja, são consistentes com os dados coletados.

Segundo Mason (2002) a validade envolve o alinhamento entre a lógica do método qualitativo, o tipo de questão que se pretende responder e o tipo de explanação teórica a que se quer chegar. Numa perspectiva mais estrita cabe indagar como determinadas estratégias e fontes de dados foram usadas visando-se obter informações consideradas relevantes. A validade da interpretação dos dados, obtida a partir de procedimentos analíticos, também deve ser atestada, mostrando-se como os dados foram seccionados em temas e categorias ou examinados holisticamente, sempre mapeando, traçando o caminho e justificando os passos que levaram ao processo interpretativo.

Para Silverman (2000) há algumas maneiras de se levar o pesquisador a pensar criticamente sobre os procedimentos adotados na coleta e análise de seus dados e que poderão tornar os resultados mais válidos. Uma delas refere-se ao uso do método comparativo por meio do qual o pesquisador, sistematicamente, procura outro(s) caso(s) para testar seus achados, organizados no formato de hipóteses

provisórias. Ele também sugere que o resultado do estudo seja apresentado a partir de um modelo integrado que descreva o fenômeno de forma holística e compreensiva. Este modelo interpretativo, que se constrói no decorrer do processo investigativo, vai-se sedimentando à medida que é constantemente confrontado com casos negativos e discrepantes.

Silverman (2000) também chama atenção para o grau de consistência com que códigos e categorias são atribuídos às informações coletadas, o que pode ser obtido por meio da checagem por diferentes pesquisadores ou pelo mesmo pesquisador em diferentes ocasiões.

3.3. A POSSIBILIDADE DE TRANSFERÊNCIA DOS RESULTADOS É EXPLICITADA

Visando ao atendimento deste aspecto cabe ao pesquisador localizar seu objeto de estudo dentro de um contexto histórico-social mais amplo. O ambiente e as pessoas nele inseridas devem ser olhados holisticamente para uma melhor compreensão das relações que se estabelecem entre a situação estudada e seu entorno.

Além disso é importante considerar que, ao buscar a geração de categorias centrais ou nucleares e estabelecer conexões e interações entre elas, organizando-as num arranjo ou estrutura explicativa, esta pode servir de referência à compreensão de outras situações sociais.

Na visão de Stake (2000), que é compartilhada por outros investigadores qualitativos, quando se trata de um estudo de caso de caráter fundamentalmente descritivo, o questionamento sobre a transferência dos resultados para outros contextos não faz sentido. Um caso é relevante por si mesmo, não havendo necessidade do pesquisador preocupar-se com a possibilidade de generalização. Na ótica de Stake os estudos de caso podem fornecer experiência vicária aos seus leitores, constituindo-se numa fonte de generalização denominada naturalística. Segundo esta perspectiva o conhecimento profundo de um caso pode auxiliar o pesquisador no entendimento de outras situações semelhantes. Sugere-se assim que a generalização naturalística se dá no âmbito daquele que lê o caso, o qual, com base em sua experiência, fará associações e relações com outros casos, transferindo os achados da investigação para outros cenários. Novamente ressalta-se que, para o leitor realizar esta transferência, o pesquisador deve elaborar um relatório claro e detalhado.

3.4. PRESERVAÇÃO E QUALIDADE DOS REGISTROS

Muitos pesquisadores qualitativos fazem seu trabalho de campo por meio de observação (participante ou não) e entrevista (estruturada, semi-estruturada ou não-estruturada), empregando muito do seu tempo no local da pesquisa, em contato direto com os sujeitos. Existem ainda aqueles que utilizam vários tipos de documentos escritos, de natureza pessoal (como as cartas) e/ou oficial (como memorandos e outros documentos da empresa). Fotos coletadas ou tiradas pelo pesquisador também podem compor o conjunto de dados. É comum ainda a elaboração de um diário de campo que contenha informações sobre o andamento da pesquisa e impressões do pesquisador.

Para Mason (2002) é importante assegurar e demonstrar que o processo de geração e análise dos dados, além de ser apropriado ao exame das questões de pesquisa, é também completo, cuidadoso, honesto e exato. É preciso ficar claro que o pesquisador não inventou nem adulterou seus dados, nem foi descuidado e relaxado em seus registros.

É fundamental que tais dados sejam reunidos e organizados em arquivos que os preservem e os tornem disponíveis para uso em processos de avaliação, auditoria e reanálises. Partindo-se do pressuposto que um relatório de pesquisa revela uma das possíveis interpretações para o fenômeno em estudo, a qual não é única nem a mais correta, é possível aceitar a idéia de que outros pesquisadores possam desenvolver outras representações do evento estudado.

Guardar os dados originais possibilita a sua utilização em auditorias e avaliações, assim como o compartilhamento de informações brutas com outros pesquisadores que porventura possam apresentar interpretações diferentes e/ou complementares. Dados cuidadosamente coletados, organizados e preservados atestam a seriedade do pesquisador.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Examinando as idéias aqui apresentadas é possível dizer que não há uma resposta simples sobre quais critérios deverão ser tomados como referência ao se proceder à avaliação de um estudo qualitativo.

O conjunto de critérios aqui apresentados pode parecer excessivo e

deixar os pesquisadores com dúvidas sobre quais são os mais importantes dentre eles e que devem ser seguidos quando se opta pela realização de um estudo qualitativo básico.

Embora se tenha procurado reunir na agenda mínima – exposta no item 3 – um conjunto de aspectos que se constituem em preocupações comuns para vários especialistas na área da pesquisa qualitativa, ainda é possível questionar-se se todos eles devem ser observados em quaisquer estudos desenvolvidos por um pesquisador. Considerando a natureza da questão orientadora do estudo, o paradigma que orientou as decisões metodológicas, o tipo de pesquisa escolhido e as estratégias de coleta e análise dos dados, é possível pensar que determinados aspectos são mais importantes do que outros e têm prevalência para o alcance do rigor e da qualidade. A decisão em apresentar várias possibilidades foi tomada buscando-se informar o leitor, de maneira que ele possa construir, para cada estudo projetado, o conjunto de critérios mais adequados e passíveis de serem observados numa dada situação de investigação científica.

Em nossa agenda mínima chamou-se atenção, especialmente, para a(o):

- necessidade de clareza na apresentação dos pressupostos orientadores do paradigma qualitativo que dá sustentação ao estudo;
- realização de estudo-piloto;
- explicitação de como se desenvolveu o trabalho de campo e o processo analítico;
- consistência entre dados coletados e resultados;
- fornecimento de dados ricos e abundantes;
- realização de checagens pelos participantes e pesquisadores;
- fornecimento de informações suficientes para que haja possibilidade de ocorrer a generalização naturalística;
- organização de arquivos que preservem os dados.

No entanto, a escolha e adoção de um determinado conjunto de critérios exige que o pesquisador esteja continuamente

refletindo sobre o fenômeno em estudo e sobre o processo que lhe permite compreendê-lo e interpretá-lo. Uma atitude reflexiva do investigador perante o seu processo de construção do conhecimento vem sendo proposta e discutida por vários autores, como Mason (2002) e Stenbacka (2001). Para entender o significado do termo reflexivo, no entanto, basta recorrer aos sentidos atribuídos a este termo no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Cinco deles serão reproduzidos aqui e dão conta do que se espera de um pesquisador que seja reflexivo:

1. que reflete ou reflexiona.
2. que procede com reflexão, que cogita.
3. que se volta sobre si mesmo.
4. que denota ponderação, serenidade.
5. que se refere ao fato de a consciência poder elaborar cogitações sobre si mesma.

Tomando estes sentidos como referência espera-se que o ato de pesquisar não seja entendido como uma atividade meramente técnica e objetiva, mas como uma atividade que envolve também as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados. Ter consciência de suas dificuldades e limitações pode indicar ao pesquisador caminhos de melhoria. Goetz e LeCompte (1988) propõem um processo de autovigilância do pesquisador no qual todas as fases de sua atividade se submetam a um questionamento e avaliação contínuos. Também Lincoln e Guba (2000) chamam atenção para a adoção de uma prática reflexiva que leve à explicitação da posição do pesquisador e de suas escolhas por meio da interrogação constante sobre seus valores, visões de mundo, pressupostos e orientações teóricas. Busca-se neste processo de intensa reflexividade que o pesquisador se “depare com” e explicita as próprias contradições e paradoxos que estão presentes em sua vida e, conseqüentemente, nos resultados da sua interpretação de um determinado fenômeno e nos critérios tomados como referência na avaliação de sua própria produção assim como da produção de outros pesquisadores.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O Método nas Ciências Sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J e GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2ª ed. reimp. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.

BRYMAN, A. Quantity and quality in social research. London: Routledge, 2001.

BRYMAN, A. Social research methods. 2 ed. London: Oxford University Press, 2004.

CAELLI, K.; RAY, L.; MILL, J. "Clear as Mud": Toward greater clarity in generic qualitative research. *International Journal of Qualitative Methods*, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em: http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/2_2/html/caellietal.htm. Acesso em: 04 fev. 2005.

DENZIN, N. K. *The research act: a theoretical introduction to sociological methods*. New York: McGraw-Hill, 1977.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOERTZ, J.P.; LeCOMPTE, M.D. *Etnografia y diseño qualitativo en investigación educativa*. Madrid: Ediciones Morata, 1988.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. *Naturalistic inquiry*. Newbury Park, CA: Sage, 1985.

LINCOLN, Y. S.; GUBA, E. G. Paradigmatic controversies, contradictions, and emerging confluences. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) *Handbook of qualitative research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

MARSHALL, C.; ROSSMAN, G. B. *Designing qualitative research*. 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999.

MASON, J. *Qualitative researching*. 2nd ed. London: Sage, 2002.

MERRIAM, S.B. *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MERRIAM, S.B. *Qualitative research in practice: examples for discussion and analysis*. San Francisco: Jossey-Bass, 2002.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. *Qualitative data analysis: an expanded sourcebook*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

REFLEXIVO. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 2412.

SILVERMAN, D. *Doing qualitative research: a practical handbook*. London: Sage, 2000.

STAKE, R. E. Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.) *Handbook of qualitative research*. 2nd ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

STENBACKA, C. Qualitative research requires quality concepts of its own. *Management Decision*, v. 39, n. 7, p. 551-555, 2001.

STRAUSS, A. S.; CORBIN, J. *Basics of qualitative research: techniques and procedures for developing grounded theory*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

Arilda Schmidt Godoy:

Doutora em Educação - Universidade de São Paulo
Professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM
e-mail arida@mackenzie.com.br ; arilda-godoy@uol.com.br
Alameda dos Aicás, 255, apto. 101 – Moema
Cep 04086-000 - São Paulo/SP
Telefone: (11) 5055-0256 ou 9218-7873